



G

TRUNFOS DE UMA
EOGRAFIA ACTIVA

DESENVOLVIMENTO LOCAL,
AMBIENTE,
ORDENAMENTO
E TECNOLOGIA

Norberto Santos
Lúcio Cunha

COORDENAÇÃO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2011

Versão integral disponível em digitalis.uc.pt

AMBIENTES AQUÁTICOS NÃO MARÍTIMOS NO BAIXO MONDEGO: MARGENS PARA A
RECREAÇÃO, O LAZER E O TURISMO

AMBIENTES AQUÁTICOS: MARGENS PARA A RECREAÇÃO, O LAZER E O TURISMO

A hidrolatria, traduzida pelo desejo de proximidade de planos de água naturais e/ou artificiais: oceanos, mares, canais, lagos, lagoas, rios, albufeiras, é intemporal. Numa tipologia bipartida os ambientes aquáticos podem ser classificados como marítimos e não marítimos, ainda que na confluência de ambos se encontrem ambientes aquáticos cuja hidrodinâmica é mareal e fluvial, designadamente os estuários.

Entre os ambientes aquáticos não marítimos merecem especial relevo as linhas de água pois suportam, hoje, como ontem, muitas das actividades humanas. O próprio curso evolutivo das sociedades humanas está intimamente ligado aos cursos de água. Os rios desempenharam sempre uma função relevante em todas as civilizações; estando estreitamente ligados à sociedade que suportam e às comunidades que a ele se ligam (Mauch; Zeller, 2008). Se transversalmente os rios dividem eles são também um elemento de ligação multissecular, principalmente quando perspectivados em termos de via de comunicação e de circulação de pessoas e de bens, animando a vida económica e social das áreas ribeirinhas. Na sociedade actual, pós-moderna ou da modernidade tardia, centrada no tempo livre, no consumo, no lazer e no turismo, as frentes de água e as margens dos rios adquirem novas ocupações por parte, muitas das vezes, daquelas funções caracteristicamente urbanas que se haviam afastado das margens: residencial, comercial e recreativa. Os rios, hoje, juntamente com outros ambientes aquáticos, servem de recurso-suporte, designadamente na criação de oportunidades de prestação de serviços que se ligam com o tempo livre *outdoor* e com a criação de produtos turísticos.

Em algumas regiões os rios são importantes elementos espaciais da paisagem cultural urbana enquanto recurso turístico significativo (Prideaux *et al.*, 2009), atribuindo uma ambiência muito própria a algumas cidades e vilas. Elementos naturais que justificaram o sítio de implantação original de muitos núcleos urbanos os rios assim como os espelhos de água são, cada vez mais, integrados no espaço construído, valorizados como espaço público e utilizados como lugares de recreio: «nas últimas décadas as linhas de água tornaram-se os lugares mais proeminentes para a recreação e para as actividades de lazer» (Erfurt-Cooper, 2009: 95).

As margens são territórios de ordenamento por excelência, constroem-se parques lineares, pontuam-se as frentes de água com novos investimentos, promovem-se comércios e